

A OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE DO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO COMO OBJETO DE PESQUISA

Eixo 1 – Questões teórico-metodológicas da Pesquisa Educacional

Maria Clara Alves de Oliveira⁶³

Resumo

O presente relato de experiência tem como objeto de estudo a observação participante, especificamente a observação realizada no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid), no período de março a julho, em uma turma do 2º ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede municipal. Partiu-se da seguinte problemática: como a observação participante favorece a compreensão das interações entre professora, alunos e práticas alfabetizadoras? O objetivo foi analisar como a observação participante contribui para compreender essas interações durante o processo de alfabetização. Os resultados revelam que a observação participante possibilitou compreender a dinâmica da alfabetização e contribuiu para a formação dos pesquisadores.

Palavras-chave: Alfabetização; Observação-participante; Interações; Práticas pedagógicas.

Introdução

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) se trata de uma iniciativa gerenciada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) que oferece bolsas de estudo para estudantes de cursos de licenciatura. O programa tem como principal objetivo aproximar os estudantes das licenciaturas da realidade vivida nas escolas, podendo contribuir com o conhecimento científico e, dessa maneira, articular teoria e prática para os estudantes. Na organização do Pibid, as/os bolsistas são supervisionadas/os pelas/os docentes da turma em que a observação participativa é realizada, sob a coordenação de docentes da Instituição de Ensino Superior, denominados de coordenadores de área.

No Subprojeto Alfabetização, vinculado ao curso de Pedagogia Integral da Faculdade de Educação (Faed) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, a coordenadora do projeto acompanha de perto nossos relatórios mensais, vivências e desempenho através de constantes reuniões conjuntas com as/os 24 bolsistas e 3 supervisoras, além de reuniões e diálogos com cada subgrupo, composto de 8 bolsistas e uma supervisora, a fim de orientar sobre as especificidades de cada turma acompanhada.

Ainda que o Pibid seja classificado como um projeto de ensino, sua execução, na UFMS, prevê a articulação entre ensino, pesquisa e extensão. A dimensão do ensino está presente na leitura e discussão de textos de fundamentação teórica, bem como na articulação entre teoria e prática, que é possibilitada nas vivências na escola parceira e inclui, entre outras atividades, o acompanhamento do planejamento da professora supervisora, de como ela coloca esse planejamento em ação, faz a gestão da sala de aula em questões como disciplina e indisciplina, avaliação e mediação da aprendizagem, entre outras.

A dimensão da extensão é mobilizada por meio da seleção de livros de literatura infantil para serem lidos uma vez por mês para as crianças da turma acompanhada. As/os bolsistas que estão há mais tempo no programa também são incentivados a planejarem atividades lúdicas para a turma, a partir das leituras ou contação de histórias ou de conteúdos específicos indicados pelas supervisoras.

⁶³ Estudante de Pedagogia na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid). Email: maria.clara.a@ufms.br.

Por fim, a dimensão da pesquisa acontece, sobretudo, por meio do desenvolvimento de um olhar investigativo sobre a realidade escolar observada, tomando nossos registros em diários de campo e relatórios como fontes para a análise e produção de textos (resumos, artigos e relatos de experiência). Nesse processo, os registros em diários de campo contemplam não somente os acontecimentos observados na escola, mas também as narrativas das crianças sobre as atividades e práticas que vivenciam naquele ambiente.

A observação participante constitui uma importante estratégia metodológica nas pesquisas em educação, pois possibilita ao pesquisador acompanhar e compreender os fenômenos educativos em seu contexto natural, considerando as relações, práticas e significados construídos pelos sujeitos envolvidos. Conforme destacam Lüdke e André (1986), a observação permite uma aproximação direta com a realidade investigada, contribuindo para a compreensão das dinâmicas presentes no cotidiano escolar. Nesse sentido, a utilização desse procedimento metodológico permite acompanhar as interações estabelecidas entre professora e alunos, ampliando a compreensão sobre o processo de alfabetização.

Diante dessa perspectiva, o presente relato de experiência parte da seguinte problemática: como a observação participante favorece a compreensão das interações entre professora, alunos e práticas alfabetizadoras? Assim, o trabalho tem como objetivo analisar como a observação participante contribui para compreender as interações entre professora, alunos e práticas alfabetizadoras durante o processo de alfabetização, a partir das experiências de iniciação científica vivenciadas por uma bolsista do Pibid em uma turma do 2º ano do Ensino Fundamental.

Nesse trabalho, assumo a alfabetização como um processo complexo que engloba diferentes dimensões, visando à apropriação da “tecnologia da escrita”, isto é, de um conjunto de técnicas, habilidades e procedimentos que são necessários para a aprendizagem inicial da escrita e da leitura (Soares, 2017). Ao aprender a ler e escrever, a criança desenvolve não somente habilidades técnicas ou mecânicas, mas também o pensamento crítico, a capacidade de criação e inserção nas práticas sociais que requerem essas habilidades. Segundo Soares (2017), alfabetizar vai além do ensino do código escrito, envolvendo práticas que possibilitam à criança participar de situações de leitura e escrita em diferentes contextos.

Ensinar uma criança a ler e escrever é um processo que envolve dimensões sociais, cognitivas e pedagógicas. No aspecto social, essa aprendizagem torna-se mais significativa quando considera o contexto e o meio em que a criança está inserida, seus colegas da sala de aula, sua família e a escola em geral. Para Piaget (1987), o conhecimento é construído pela interação entre o sujeito e o meio, sendo a criança um participante ativo de seu processo de aprendizagem. No aspecto cognitivo, a criança assimila, acomoda e equilibra seu conhecimento de acordo com suas hipóteses, tentativas, erros e acertos. A alfabetização envolve processos de construção do conhecimento nos quais a criança participa ativamente da aprendizagem.

A partir das experiências vivenciadas, a criança elabora hipóteses, realiza tentativas, enfrenta conflitos e reorganiza suas compreensões, construindo novos conhecimentos por meio dos processos de assimilação e acomodação, que possibilitam a busca por novos equilíbrios cognitivos (Piaget, 1976). Já o aspecto pedagógico é mediante o que é feito, pensado, observado e desenvolvido em sala de aula por parte do professor regente. Assim como essas habilidades apresentadas, a escrita, a leitura e seus domínios são adquiridos progressivamente conforme o desenvolvimento infantil.

Para Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1999), que desenvolveram a teoria da psicogênese da escrita, a compreensão do sistema de escrita alfabética ocorre por meio da elaboração de hipóteses construídas pela própria criança durante o processo de alfabetização. Na hipótese pré-silábica, a criança não estabelece relação entre a escrita e os sons da fala, podendo associar a escrita ao desenho, a letras aleatórias (por exemplo, letras que compõem o seu próprio nome) ou a numerais e símbolos. Na hipótese silábica, a criança passa a perceber que a escrita representa partes sonoras das palavras,

sendo comum representarem cada uma dessas partes com uma letra, que pode ou não ter correspondência direta com o som daquela sílaba ou pauta sonora.

Na chamada hipótese silábico-alfabética, ocorre uma transição entre a representação parcial e a compreensão do sistema alfabético, até que na hipótese alfabética essa relação se estabelece, e a criança demonstra ter compreendido a relação entre letras e sons. Embora seja uma importante etapa do processo de alfabetização, é relevante ressaltar que a hipótese alfabética não significa que a criança está formalmente alfabetizada, pois a consolidação da alfabetização envolve a aprendizagem das convenções ortográficas e gramaticais da língua escrita. Feita essa contextualização, na próxima seção trago a descrição e análise da experiência vivenciada no contexto da escola parceira.

Descrição da Experiência

A experiência ocorreu em uma escola municipal de Campo Grande, MS, em uma turma de 2º ano do ensino fundamental, composta por aproximadamente 30 crianças com faixa etária de 7 a 8 anos. O período de observação participante ocorreu de março a julho de 2026, permitindo assim possibilidade de acompanhar vários meses de aula.

Quando cheguei à escola, pude vivenciar *in loco* inúmeras questões que envolvem as teorias e conceitos relacionados à alfabetização e como, na prática, essas teorias são mobilizadas, além de muitos acontecimentos e dilemas que permeiam a organização do trabalho didático das professoras alfabetizadoras, especificamente, e da profissão docente, como um todo.

Em primeiro momento, fui apresentada à professora e aos estudantes e, aos poucos, aos outros funcionários da escola. A recepção na escola foi extremamente gentil e acolhedora, o que facilitou o processo de observação e participação ao longo dos meses e das atividades cotidianas. As crianças rapidamente se prontificaram para me mostrar o que eu não conhecia e me apresentar os colegas de sala. Sentiram-se seguras logo no início, sempre solicitando minha ajuda.

Ao longo da observação, foi possível acompanhar as estratégias pedagógicas usadas pela professora durante esse processo de alfabetização. As aulas são sempre bem participativas, contemplam momentos de leitura para compreensão e leitura deleite, atividades como produções de texto, jogos e uso do livro didático. Cartazes e “crachás” estão sempre à disposição dos alunos para que eles possam acompanhar a aula e se orientar. Em suas intervenções e propostas, a professora mantém uma postura acolhedora e preocupada em relação ao desenvolvimento das crianças.

Em todo esse processo, as crianças se mostraram ativas, participativas e curiosas, fizeram perguntas e expuseram sua opinião durante as aulas, o que demonstrou que se sentiam seguras e confiantes em se expressar, inclusive em solicitar ajuda quando sentiam dificuldade em realizar uma atividade. Pude notar, especialmente, a heterogeneidade de hipóteses de escrita elaboradas pelas crianças, o que, ao mesmo tempo, materializou na prática o que aprendi sobre os diferentes níveis de compreensão do sistema de escrita alfabética, bem como demonstrou que, naquela turma, as crianças podiam se expressar por escrito de acordo com suas hipóteses, pois o erro não era tratado como falha, mas como parte do processo de aprendizagem:

[...] a criança que procura ativamente compreender a natureza da linguagem que se fala a sua volta, e que, tratando de compreendê-la, formula hipóteses, busca regularidades, **coloca à prova suas antecipações** e cria sua própria gramática (que não é simples cópia deformada do modelo do adulto, mas sim criação original) (Ferreiro; Teberosky, 1999, p. 22, grifo nosso).

De fato, entre todos os aspectos observados, o que mais me chamou a atenção foi a forma como é realizada a mediação da aprendizagem. Compreendi que o fato de a professora incentivar a criança a produzir textos ou palavras de acordo com a sua hipótese de escrita não significa que não haverá intervenção, pois é justamente o processo de mediação que contribui para que ela reflita e

reformule suas hipóteses, ampliando suas aprendizagens. Essa mediação ocorre não somente pela professora, mas também nas interações entre os colegas, que favoreceram momentos de colaboração durante o desenvolvimento das atividades.

Percebi, ainda, que a forma como a professora realiza a mediação serve de espelho para seus alunos, tornando-os mais receptivos com os colegas que apresentavam mais dificuldades. Como exemplo desse ambiente colaborativo, trago um registro do meu diário de campo, no qual descrevo a seguinte situação:

- Professora, você pode me ajudar?⁶⁴
- Claro, o que você precisa?
- Me ajuda com essa atividade das sílabas.
- Ok, o que você precisa entender?
- Como que faz, professora? O que eu junto?
- Ah, entendi. Ó, se você juntar essa letra com essa, o que forma?
- AH!!! Acho que entendi...- Vou fazer aqui, qualquer coisa eu te chamo, tá bom?
- Tudo bem, se precisar estou aqui.

Nesse momento, a professora se afastou alguns instantes para auxiliar outro estudante da turma. Duas crianças que estavam sentadas próximas acompanharam a conversa e perceberam que o colega ainda demonstrava insegurança para realizar a atividade.

- Deixa que eu ajudo, professora. Olha, você faz assim...
- Primeiro junta essa letra com essa outra. Aí você fala o som bem devagar.
- Não consigo fazer!
- Consegue sim, cara, você é superinteligente, faz no seu tempo, tô aqui pra te ajudar, nós dois vamos te ajudar, ok? Você consegue, sim!
- Vamos fazer uma juntos. Depois você tenta sozinho.
- Eles podem me ajudar, professora?
- Sim, sim, podem sim.
- Mas se você precisar estou aqui.
- Tá bom, professora.

Os colegas passaram a acompanhar cada tentativa do estudante, apontando as letras e incentivando-o a pronunciar os sons antes de formar as sílabas. A cada acerto, demonstravam entusiasmo e o encorajavam a continuar respeitando seu ritmo de aprendizagem.

- Isso! Agora tenta essa aqui.
- Acho que agora eu consegui essa.
- Muito bem! Agora falta só mais uma.
- Vai devagar, você está acertando.

Após algumas tentativas, o aluno conseguiu concluir toda a atividade com o apoio dos colegas.

- Tá vendo! A gente sabia que você ia conseguir.
- Você conseguiu, viu? Falei que você era capaz, cara.
- Consegui, professora [referindo-se a mim, pois as crianças me chamam de professora

⁶⁴ Optou-se pela formatação em itálico dos diálogos, para diferenciá-los das demais citações. Os registros foram retirados dos relatórios da autora.

*também]! Eles me ajudaram.
- Parabéns!!!!*

Em sequência a esse acontecimento, parabeneizei os alunos por terem colaborado com o colega, e parabeneizei o aluno por sua determinação e seu aprendizado. Analiso que essa situação evidencia que a interação entre os estudantes, aliada à mediação dos adultos de referência, favorece não apenas a realização da atividade, mas também fortalece a confiança das crianças em sua capacidade de aprender. Além disso, demonstra como a cooperação entre os pares pode contribuir significativamente para o processo de alfabetização, promovendo um ambiente de aprendizagem acolhedor, colaborativo e participativo. Para Piaget (1973), as interações entre os indivíduos favorecem o desenvolvimento cognitivo, uma vez que o confronto de diferentes pontos de vista promove conflitos cognitivos que impulsionam a reorganização do pensamento e a construção de novos conhecimentos.

As observações realizadas evidenciam que o processo de alfabetização envolve diferentes dimensões do desenvolvimento infantil, corroborando as contribuições de Jean Piaget (1976), ao compreender que a aprendizagem ocorre por meio da construção ativa do conhecimento. Durante as atividades observadas, foi possível perceber que as crianças elaboravam hipóteses, testavam seus conhecimentos, conversavam entre si e procuravam a referência da professora.

Esses resultados também dialogam com Ferreiro e Teberosky (1999), que defendem que a aquisição da escrita ocorre mediante a construção progressiva de hipóteses sobre o sistema de escrita. As diferentes formas de participação, resolução das atividades e interações evidenciaram que os estudantes se encontravam em níveis distintos de compreensão, reforçando a necessidade de práticas pedagógicas que considerem o ritmo de aprendizagem de cada criança.

Além disso, as práticas observadas aproximam-se das contribuições de Magda Soares (2017), ao demonstrar que alfabetizar envolve não apenas a aprendizagem do sistema de escrita, mas também a inserção da criança em práticas que se tornam significativas durante o processo de aquisição da leitura e escrita. Nesse contexto, tomar a observação participante como parte de um processo investigativo mostrou-se um importante procedimento metodológico no que se refere à formação para a pesquisa educacional, pois possibilitou problematizar, analisar e compreender aspectos da dinâmica da sala de aula que dificilmente seriam percebidos no ritmo frenético do cotidiano escolar.

A observação sistemática favoreceu registros mais detalhados das interações, das estratégias de ensino e das respostas dos estudantes às atividades propostas, permitindo relacionar as situações vivenciadas com os referenciais teóricos estudados durante a formação acadêmica. Dessa forma, a experiência contribuiu para a construção de uma postura crítica e investigativa diante da realidade escolar, evidenciando a importância da pesquisa no processo formativo dos licenciandos, visando não somente a aprendizagem sobre a profissão docente, mas também a constituição de futuros professores-pesquisadores, que transformem a sua própria prática em objeto de investigação, análise e reflexão.

Considerações Finais

A observação participante aqui relatada não se limitou ao acompanhamento acrítico das atividades desenvolvidas em sala de aula, mas constituiu um processo de aproximação com a realidade educacional. A convivência com a professora e com a turma favoreceu a compreensão da importância da mediação docente, da escuta das necessidades dos estudantes e da adaptação das práticas pedagógicas às diferentes formas de aprender.

Foi possível compreender como as teorias e conceitos sobre a aprendizagem inicial da leitura e da escrita se materializam no cotidiano da sala de aula, demonstrando como a alfabetização é um processo complexo, que envolve a mediação do professor, as interações entre as crianças e as práticas pedagógicas. Há práticas de professores alfabetizadores que coíbem o erro e até mesmo a conversa

durante a realização de uma atividade, em um enfoque mais individualista. No entanto, na turma que acompanho, as atividades são desenvolvidas de forma coletiva, a troca de conhecimentos entre os estudantes não é somente permitida, mas também incentiva. A análise dos registros dessa prática apontou que ela contribui para a construção de novas aprendizagens, o que, em longo prazo, pode favorecer o desenvolvimento da autonomia.

Além de ampliar a compreensão sobre o processo de alfabetização, a observação participante no Pibid contribuiu significativamente para a minha formação como pesquisadora, ao aproximar os conhecimentos teóricos da realidade escolar e possibilitar reflexões sobre a prática docente.

Por fim, espera-se que este relato de experiência possa contribuir para futuras pesquisas e para a valorização da observação participante como importante procedimento metodológico na compreensão dos processos educativos e na formação inicial de professores. Considera-se, ainda, que experiências dessa natureza fortalecem a formação inicial docente, ao promover um olhar crítico, reflexivo e comprometido com a construção de práticas pedagógicas que atendam às necessidades e às potencialidades dos estudantes.

Referências

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Tradução de Diana Myriam Lichtenstein, Liana Di Marco e Mário Corso. Porto Alegre: Artmed, 1999.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

PIAGET, Jean. **A equilibração das estruturas cognitivas: problema central do desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

PIAGET, Jean. **Estudos sociológicos**. Rio de Janeiro: Forense, 1973.

PIAGET, Jean. **O nascimento da inteligência na criança**. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

SOARES, Magda Becker. **Alfabetização e letramento**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2017.